**O SABER DO CATEQUISTA[[1]](#footnote-1)**

Vivemos em um tempo de rápidas mudanças e de grandes incertezas a tal ponto de disseminar um relativismo coletivo correndo o risco de se perder os mais valiosos e significativos valores construídos ao longo do tempo. Olhar para o passado e refletir o presente com ações éticas e responsáveis devem ser a missão de toda pessoa humana que preza pelos mais insignes valores, tendo em vista que sem estes nos perdemos e não nos reconhecemos como filhos de Deus.

O Documento de Aparecida preocupado com a dignidade da pessoa humana nos adverte sobre a “mudança de época” (n. 44). Mudanças que geram instabilidades humanas levando a uma desintegração do ser humano bem como com o mundo e com Deus. E nessa lógica do não durável e do efêmero pode gerar sérias consequências como constata o próprio Documento: “Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas” (n. 44).

É nesse pluralismo cultural e religioso de profunda complexidade (DNC, n.215), que o catequista é convidado a agir de forma eficiente e eficaz no âmbito catequético à luz da Palavra de Deus proporcionando aos catequizandos uma visão integral do seu ser e de tudo o que lhe circunda. No entanto, para que isso aconteça é preciso que o catequista tenha uma visão holística, ou seja, de conjunto, onde ele possa perceber o todo da realidade. Seja na dimensão política, econômica, religiosa, cultural, tecnológica, social, ecológica, etc.

Para que o catequista possa dar respostas à luz da fé às constantes mudanças que a sociedade vem sofrendo e que consequentemente atinge de forma direta a catequese requer da sua pessoa uma dedicação formativa assídua do Magistério da Igreja.

Nesse sentido espera-se que ele (a) tenha “suficiente conhecimento da Palavra de Deus”, uma vez que “A Sagrada Escritura deverá ser a alma da formação”. “Conhecimento dos elementos básicos que formam o núcleo de nossa fé”, “familiaridade com as ciências humanas”, “conhecimento das referências doutrinais e de orientação”, “conhecimento da pluralidade cultural e religiosa”, “conhecimento das mudanças que ocorrem na sociedade”, “conhecimento da realidade local, da história dos fatos”, e por fim, “conhecimento dos fundamentos teológicos pastorais” (DNC, n. 269).

Não resta dúvida de que observando todos esses princípios e vivendo a disponibilidade do Apóstolo Paulo quando diz: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9, 16), é possível viver uma catequese contemplando as palavras de Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a Vida”(Jo 14, 6), em prol de uma sociedade mais humana e fraterna conforme os desígnios de Deus. Portanto, o catequista deve ser sempre um semeador otimista para colher bons e numerosos frutos.

1. Elismarques Medina, Seminarista Estagiário da Diocese de Colatina (ES). Atua na Paróquia São Marcos de Ibiraçu. Membro da Coordenação Diocesana de Catequese. [↑](#footnote-ref-1)